

CONSTRUÇÕES AO LONGO DO ALMONDA DA NASCENTE ATÉ À FOZ, UMA PRIMEIRA PROPOSTA DE INVENTÁRIO

Marques, João Luís^{*}, Neves, Pedro^{2}, Matos, Bruno^{3**}**

¹jlmarques@arq.up.pt, ²pedro.neves@cm-torresnovas.pt, ³rmatos@arq.up.pt

^{*} Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo,
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

^{**} Município de Torres Novas

Palavras-chave: palavra-chave1; palavra-chave2; palavra-chave3. Identificam o tema principal dentro da área do conhecimento no qual o trabalho se insere. Devem ser incluídas por ordem descendente, dos temas mais gerais aos mais específicos, separados por “;”. O número não deve ser inferior a 3 nem superior a 5.

RESUMO

O curso do rio Almonda, afluente do rio Tejo, é pontuado por um património edificado pouco conhecido, rico e diverso, que reflete a forte ligação entre a paisagem, a atividade produtiva e as comunidades locais ao longo do tempo.

O presente estudo visa inventariar, cartografar o que subsiste destas estruturas, bem como aquelas documentalmente comprovadas hoje desaparecidas ou, profundamente, alteradas. Pretende-se compreender a ligação entre engenhos, moinhos, azenhas, lagares com as famílias proprietárias de grandes explorações agrícolas e impulsionadores proto-industriais, destacando o seu impacto na economia regional e nacional. Paralelamente, serão analisadas infraestruturas associadas, como as levadas e açudes, tarambolas de rega e as intervenções realizadas ao longo do rio para regularização do seu caudal, fundamentais para a gestão dos recursos hídricos.

A pesquisa recorre a diferentes suportes documentais dispersos em diversos arquivos institucionais e particulares, das dos registos escritos às fotografias reproduzidas em postais do início do século XX; bem como representações artísticas, nomeadamente pinturas naturalistas de autores como Carlos Reis.

O progresso levou à transformação de antigas azenhas e lagares que deram lugar a modernas unidades industriais, como a Renova, Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas (fundada em 1845), a Central Hidroelétrica do Caldeirão (192), são alguns dos casos emblemáticos apresentar.

Num contexto de revalorização do património molinológico e industrial, discute-se o potencial turístico destas estruturas, muitas atualmente desafetadas ou em processo de recuperação, explorando formas de as integrar em roteiros culturais e turísticos. O objetivo é contribuir para a tomada de consciência e preservação da memória histórica e a dinamização da comunidade almondina

PREÂMBULO

O trabalho que aqui apresentamos é de natureza preliminar, um primeiro contributo para uma proposta de inventário sobre o património edificado nas margens do Almonda. O interesse por esta temática surgiu durante o trabalho de revisão da Carta do Património do Concelho de Torres Novas (2021), realizado no âmbito da revisão do Plano Director Municipal (PDM). O anterior PDM era omissivo quanto ao valor patrimonial e arquitetónico de moinhos, açudes ou mesmo unidades industriais instaladas junto ao rio, da nascente à foz no Tejo. É reconhecido por todos a importância que as fábricas tiveram no progresso do concelho, com maior expressão a partir do século XIX, fruto muitas vezes de investimento estrangeiro. De facto, estamos perante unidades que se foram instalar em lugares onde antes se localizavam moinhos e engenhos. A exploração da nascente do Rio Almonda é paradigmática neste contexto. Recordemos desde logo o contrato celebrado em 1824, em que Domingos Ardisson expressou a vontade de estabelecer a sua Fábrica de Papel junto à nascente do rio, no lugar do Moinho da Fonte. Era o início da futura *Renova* construída, reconstruída e ampliada sobre o leito do rio, dando origem a uma tensão social que ainda tem eco nos dias de hoje. A importância social da unidade fabril para a comunidade a par da grandeza do edificado modernista, faziam deste conjunto industrial um caso incontornável que viria a integrar a lista da Carta do património torrejano.

A carta do património fez-nos olhar para o legado industrial – Fábricas, Oficinas e Armazéns – sem esquecer a importância dos – Moinhos, Azenhas, Levadas (...) – que constituem uma outra parte tão significativa da herança.

DO PATRIMÓNIO EDIFICADO AO LONGO DO RIO: REGISTOS ESCRITOS E GRÁFICOS, METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO

“O Rio se chama Almonda (...) Nasce na raiz da Serra chamada Daire em distância desta Vila uma légua, entre uns penhascos, acha cristalino berço”

Foi assim que António Raimundo de Pina, pároco de Santa Maria da Vila de Torres Novas escrevera no século XVIII as memórias paroquiais. No caso torrejano a cuidada descrição permite caracterizar o rio, fornecendo um conjunto de dados relevantes sobre o que hoje chamamos ‘património edificado’, a saber:

“Tem 18 ou 19 açudes, sendo o maior um conjunto a esta vila que mandou fazer a rainha D. Isabel, mulher de El Rei D. Afonso V, que é grandioso e de fábrica magnífica (...)
Há e tem este rio 30 moinhos com duas, três e quatro pedras que moem efetivamente: 23 de lagares e uns alguns com quatro varas (...)
são muitas as tarambolas novas e outros engenhos com que dele se tira água para se regar em terras hortas e pomares (...)”

Construções ao longo do Almonda, da nascente até à foz, uma primeira proposta de inventário.

Quantos daqueles 53 engenhos teriam chegado aos nossos dias?

Conscientes do iato temporal, consultámos a carta militar da década de 1940 procurando estabelecer um paralelo. Se as memórias paroquiais forneciam uma informação de natureza, essencialmente, estatística; a carta militar permitia uma aproximação geográfica à implantação destas estruturas no território. Foram identificadas 41 unidades do tipo - azenhas e moinhos - nas margens do Almonda a que se somavam outras 3 na ribeira de Fonte Longa, um curso de água afluente que corre, não por acaso, no denominado Vale da Azenha.

A evolução dos tempos levou à transformação profunda de muitos dos engenhos. O processo de industrialização levou a que surgissem fábricas e moagens nalguns destes lugares, enquanto outros são hoje simples casas de habitação (como o de Porto Carneiro). Descobrimos paisagens que tinham sido moldadas e adaptadas à exploração agrícola e nelas encontrávamos também levadas. O nosso olhar já não poderia apenas considerar os moinhos, pois não se podiam ignorar as muitas levadas e açudes associados que fomos identificando no curso do rio. Estávamos perante uma estrutura ecológica cultural que importava conhecer e registar. Pouco a pouco crescia a tomada de consciência da diversidade do património edificado ao longo do Rio, e como aquelas intervenções, de diferentes dimensão e escala, tinham alterado a paisagem natural.

Assim, para compreender a razão de ser grande moinho situado nas imediações da Ribeira Ruiva havia que equacionar a possibilidade da história daquele se relacionar com a da Quinta da Paz (também conhecida por Quinta de Santo António, Ribeira Ruiva). A quinta, onde se ergue a antiga casa — atualmente em estado avançado de ruína — foi outrora o solar da nobre família Caldeira e Costa Pimentel. Apresenta uma fachada austera voltada a poente, com uma varanda virada a sul. Ainda se conservam, junto às ruínas da casa, as paredes da capela oitocentista e toda a estrutura agrícola envolvente, incluindo os terraços, a casa de fresco e tanque. Junto à várzea, o moinho com dois pisos, foi profundamente intervencionado possivelmente nos anos 1990. O interior do piso térreo conserva cinco modernas pedras prontas a moer, constituindo-se o complexo de maior dimensão desta natureza existente no concelho.

O estudo da transformação da paisagem conduziu-nos à inevitável pesquisa iconográfica que documentasse este processo e resgatasse a memória de espaços esquecidos. Que nos diziam os desenhos? E as fotografias?

Torres Novas é especialmente rico no que toca ao registo fotográfico do seu espaço natural e urbano diz respeito. Recordem-se, a título de exemplo, os trabalhos pioneiros de Carlos Relvas (1838-1894) e Cipriano Trincão (1874-1933) publicados em revistas da especialidade. A edição e circulação de bilhetes postais, a partir do início do XX, levaram a divulgação do património. No caso particular do concelho de Torres Novas o rio Almonda foi cuidadosamente registado. Desta forma é possível recuar no tempo e conhecer aspectos da vida ribeirinha e das construções em quase toda a extensão rio: o uso e as vivências, os banhos e as lavadeiras, os moinhos, os lagares, os açudes, levadas, pontes etc.

Já nos primeiros bilhetes postais torrejanos da casa comercial A.M. Ferreira & C^a – Torres Novas e Palhares – Lisboa, série numerada de 1 a 10 e com impressão a três cores (preto, azul e sépia),

é facilmente reconhecível a importância do universo ribeirinho na seleção de imagens que retratam a antiga vila. A partir de um conjunto de bilhetes postais da série posterior, “União Postal Universal, edição da casa comercial Justino H. d’Oliveira – Torres Novas” foi possível dar nome e fazer memória a património hoje em parte desconhecido, esquecido ou desaparecido. Ordenámo-los de montante para jusante, a saber: Nascente do Rio Almonda, Fábrica da Azenha (Zibreira); Ponte das Ribeiras; Moinho do Pegô, Ponte e Moinho de Pau, Moinho da Ponte, Ponte das Lapas, Lapas, Pimenteais, Ponte de Entre-Águas, Vala da Fábrica, Fábrica da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos, Ponte do Raro, Ponte da Levada, Moinho do Bretes, Ponte de Lamego, Moinho dos Gafos, Ponte do Moinho da Cova, Meziões, Ponte Nova ...

Procurámos visitar alguns destes lugares.

Ribeira Tal como no início do século, o açude da ribeira continua a ser o lugar de eleição onde encontramos gente a banhar-se no Rio. A prática mantém-se e, ainda que não se trate de uma praia fluvial, é, mesmo assim, vivida com afeto pela população. Este lugar é ponto de paragem do percurso de caminhadas (PR1 TNV) Ainda que o percurso cruze como património edificado de natureza vernacular e/ou industrial, associado à exploração do rio, pouco é dito sobre a história e a importância dos engenhos de outros tempos.

Lapas À margem do rio surge a fábrica de álcool, Manuel Vieira & C^a (Irmão) Sucessores Lda. Tratava-se duma destilaria de figo, que integrou um complexo industrial do início do século, sucessivamente modernizado. A documentação na posse da família proprietária testemunha o processo e as suas diferentes fases de construção. Desenhos de arquitetura e fotografias antigas, como as do espólio fotográfico de Cipriano Trincão, permitem recuar no tempo e registar a transformação passo-a-passo da margem do rio. A jusante das Lapas localizava-se o moinho dos Pimenteais, hoje convertido em habitação, difícil de encontrar no meio da vegetação que cobre a levada, por onde hoje já não corre água.

Fábrica Grande Situada frente ao moinho da Quinta de São Gião - propriedade documentada desde o século XVII com intervenções significativas no edificado nos séculos XIX e início do XX - localiza-se o açude que servia um dos primeiros polos industriais do século XIX, fora do centro de Torres Novas, a norte.

A Fábrica Grande, localizada pouco a abaixo da quinta de Entre-Águas (em ruína), fixou-se no lugar dos moinhos de Santa Bárbara. A Companhia de Fiação e Tecidos de Torres Novas, fundada em 1845 laboraria até ao ano de 2011, ano em que encerrou portas. A produção dos famosos atoalhados, ainda hoje comercializados, passou anos mais tarde para o Minho e o edificado foi adquirido pela Câmara Municipal de Torres Novas (2022). É possível ver os hangares industriais abandonados e as levadas que cruzavam toda a unidade industrial, que chegou a ter uma pequena central hídrica – as modernas azenhas!

Ponte do Raro A jusante, depois da quinta de Rio onde esteve instalada a metalúrgica Nery (actualmente em ruínas), entra-se numa aprazível área ajardinada. Esta área foi urbanizada ainda na primeira metade do século XX e melhorada nos anos 1940, segundo projecto do eng. Vassalo e Silva (irmão de Maria Lamas). A Avenida Marginal, como era conhecida, oferece um jardim público de árvores frondosas, canteiros floridos, arruamentos em areão e latada com alegretes junto à margem norte do rio. Na margem oposta, no sopé do morro do Castelo, os terrenos outrora ocupados por hortas e uma destilaria deram lugar aos equipamentos públicos e parque. Remata o

Construções ao longo do Almonda, da nascente até à foz, uma primeira proposta de inventário.

actual Jardim das Rosas o Açude Real, junto ao Rossio, que ganhou o seu nome com a instalação do convento do Carmo, fundado no século XVI.

Açude Real No extremo sul do Rossio inicia-se a levada que alimentava um importante conjunto de moinhos e lagares documentados desde o século XV. No início do século XX alimentava lagares e moagens de farinha. Hoje a levada, apenas pontualmente visível, surge por entre arruamentos, prédios e parques estacionamentos. A levada servia a Central hidroelétrica do Caldeirão responsável pela produção da energia elétrica da vila a partir de 192?? e em funcionamento até. Hoje é um núcleo museológico industrial. Aquando da realização da Carta do Património Arquitectónico foi possível identificar desenhos que revelaram a autoria do projecto de arquitectura (António Rodrigues da Silva Júnior, 1936). A linguagem modernista, de gosto decó que caracteriza o edifício industrial, seria mote para o desenho dos edifícios do moderno centro cívico sugerido no antepiano de urbanização de (Brito e Cunha, 1946), com o Teatro Virginia (Fernando Schiappa de Campos, 1955) e Bloco de habitação com comércio (Francisco Benito, 1956).

Serviria ainda a levada a importante real fábrica das Chitas, que se estabelecera em Torres Novas no último quartel do século XVIII, pelos suíços Henrique Meuron e David Suabe. Seguiu a água para os Moinhos dos Duques (da Casa de Aveiro, donatários da vila) junto à ponte com a mesma designação. Moinho do Bretes foi o nome que ficou registado, no início do século XX, nos postais acima descritos. Hoje, ainda é possível reconhecer a implantação do moinho de rodízio (graças ao cabouco) e o que resta do lagar de azeite. A ruína do lagar foi consolidada e integrada no percurso do recém-criado parque Almonda. É reconhecível a base circular da pia em pedra, onde as galgas esmagavam a azeitona graças à força motriz gerada pela roda de eixo horizontal, e a posição das três varas de madeira que faziam a prensa.

Ponte da Levada [Ponte Pedrinha] Junto ao núcleo acima descrito, no extremo nascente da antiga vila sob a ponte da Levada, na margem direita do rio, situavam-se outras moengas, que estão documentadas em fotografia. No final da década de 1980, foi ali instalada uma ‘tarambola monumento’ que passou a ser imagem de marca da, então elevada, cidade (1985), evocando a memória colectiva de outros tempos! Dali a água seguia para outros lagares e, por fim, de novo se juntava ao rio.

Ponte do Lamego Junto a esta ponte instalaram-se um conjunto de rodas associadas a pequenas unidades fabris. Aí estavam no início do século e por ali foram ficando até meados do XX, a julgar pelas fotos de António Passaporte.

Estamos perante um conjunto de vários engenhos que, ao longo do tempo se foram dispendo ao longo do rio, dentro do espaço urbano criaram um núcleo proto-industrial conforme comprovava este troço do rio Almonda onde as estruturas muitas vezes distam pouco mais de 100 metros entre elas.

Moinho dos Gafos sugere a existência duma gafaria, que se sabe ter existido na entrada sul da vila, junto lugar de Santo André. Aqui, para lá das fotografias do exterior do moinho encontramos uma rara representação do interior do moinho, datada do final do século XIX. Trata-se de uma pintura naturalista de Carlos Reis (1863-1940), apresentada na Sociedade Nacional das Belas Artes (Lisboa, 1901) e, no ano seguinte na Exposição de Arte Portuguesa (Rio de Janeiro, 1902). Desde então ali se encontra, estando hoje conservada no Museu Nacional de Belas Artes, sob o

título “Amores de Moleiro”. Se dúvidas houvesse quanto à identidade do moinho, atente-se ao livro “A Estremadura Portuguesa – Ribatejo” de Alberto Pimentel (1908), onde se lê “Moinho dos Gafos”. Carlos Reis pintaria ainda outros moinhos do Almonda na área das Lapas, que foi possível aferir, graças ao cruzamento com fotografias de Cipriano Trincão da mesma época.

Moinho da Cova é um pitoresco lugar que combina açude, levada, ponte e moinho. É também o ponto inicial do Corredor Ecológico do Almonda (2024), um percurso pedonal ribeirinho com uma extensão de aproximadamente 3 Km que tira partido dos meandros do rio e das suas margens renaturalizadas. A meio do percurso localizava-se um outro antigo moinho, o de Meziões. Ainda que hoje esteja profundamente descaracterizado, trata-se da 21ª estrutura identificada no curso do Almonda, da nascente para a foz, neste inventário preliminar.

A partir da várzea de Meziões, na direcção do Tejo, já não havia memória da existência de outras unidades de produção molinológicas, embora a exploração agrícola esteja bem presente: Quinta das Ferrarias, Quinta do Perú, Quinta de Carvalhais, Quinta da Valada, entre outras. A várzea é explorada desde há muito. Desde logo recordarmos a romana Villa Cardílio (séc. III) que se localiza a escassos metros do rio Almonda, logo a seguir à quinta do Perú e frente à da Valada.

Uma carta topográfica de 1817, existente na Biblioteca do Exército, permitiu reunir interessantes e curiosas informações que o tempo apagara. Colocando lado a lado o mapa e a visualização satélite actual, identificamos semelhanças e diferenças: o curso do rio manteve-se, algumas intenções de regularização do seu traçado ficaram-se pelo projeto e/ou possivelmente nunca foram executadas. Porém, fazendo a correspondência e fixação pontos no território foi possível identificar a localização aproximada de moinhos hoje desaparecidos: o da Quinta da Várzea (Riachos) e do Quinta de Caniços, antiga propriedade da Companhia de Jesus. Curiosamente, estudos recentes revelaram fontes documentais escritas que descrevem a existência de moinhos e lagares naquele lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até ao momento não foi encontrada notícia de outras estruturas ao longo do Rio Almonda. A orografia, o Paúl do Boquilobo, altera profundamente o modo de ocupação do território. Naquela que foi a primeira reserva da Biosfera Portuguesa (1981) os motivos de visita e interesse são outros.

Terminamos, juntando ao património que agora começamos a inventar, o património natural que lhe é indissociável. Esperamos que o estudo futuro, permita aprofundar o conhecimento e contribuir para a salvaguarda e divulgação do que aqui aflorámos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bicho, Joaquim Rodrigues. 1997. *A Fábrica Grande. Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

Cardoso, Ana Rute Pires. 2011. *As Quintas torrejanas. Análise, interpretação e proposta de uma rota cultural e ambiental em torno do Rio Almonda*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa.

Construções ao longo do Almonda, da nascente até à foz, uma primeira proposta de inventário.

Coutinho, Maria João. 2024. Quintas da Companhia de Jesus na Província de Portugal (Séculos XVI a XVIII): Alguns casos de estudo." In *Atas do 6.º Congresso Internacional Casa Nobre - Um Património para o Futuro.*, 456-473. Arcos de Valdevez: Município de Arcos de Valdevez.

Lopes, João Carlos. 1998. *Torres Novas e o seu termo no meio do século XVIII*. Torres Novas: Âmago da Questão.

Lopes, João Carlos. 2022. *O moinho da Fonte e a indústria do papel em Torres Novas*. Torres Novas: Âmago da Questão.

Marques, João Luís; Sá, Daniela. 2021. *Carta do Património do Concelho de Torres Novas*. Torres Novas: edição de autor.

Pimentel, Allberto. 1908. *A Extremadura Portuguesa – O Ribatejo* (parte 1). Lisboa: Livraria Guimarães e & Cpa.

Santos, Diana Gonçalves dos. 2011. " Diálogo com um Centro Histórico: O tecido urbano de Torres Novas à luz da História da Arte ." In *Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente*, 97-150. Porto: Universidade do Porto / Faculdade de Letras / Departamento de Ciências e Técnicas do Património.

Sineiro, José. 2010. *A iluminação pública e a electricidade na vila de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.